

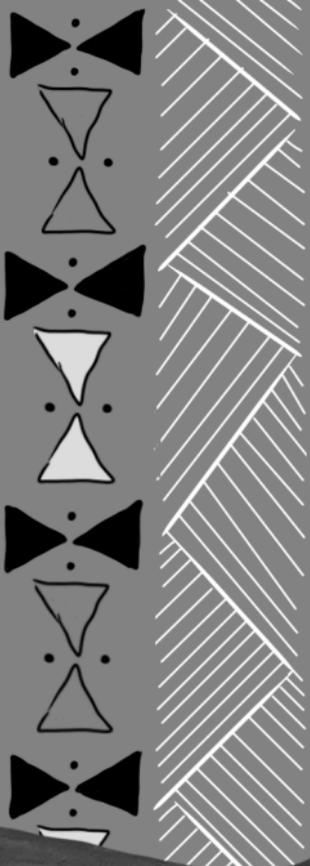


Gilvaneide Santos

MINIDICIONÁRIO
TEÓRICO
NEGRO BRASILEIRO
DO PENSAMENTO
DE SUELI CARNEIRO

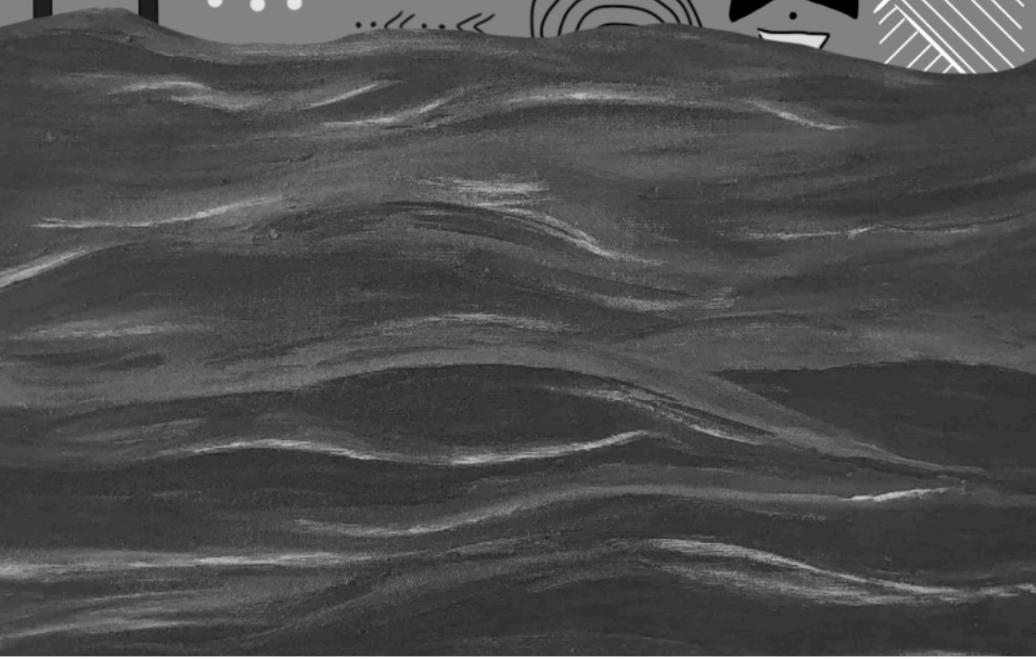
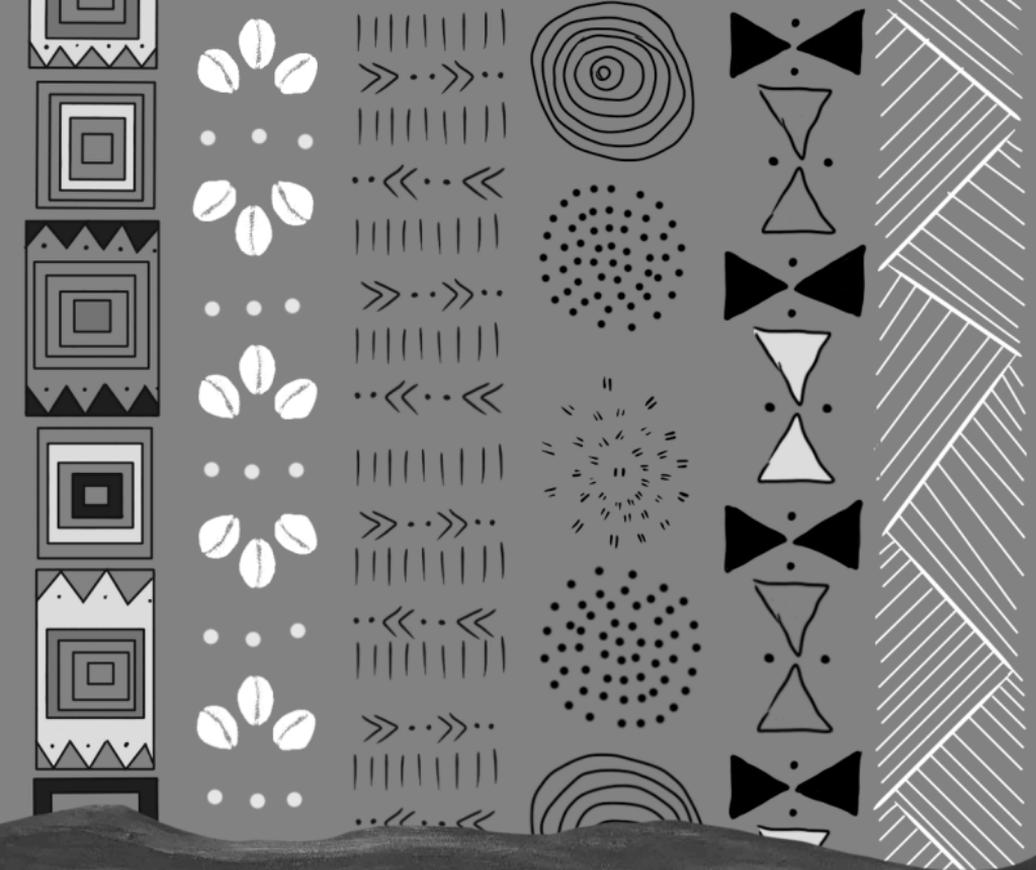
Por que um minidicionário para sistematizar a obra de Sueli Carneiro? A palavra tem o valor de ouro dentro do mundo da linguagem, é por meio dela que aprendemos a formular reflexões e a fazer as trocas na comunicação. Quando olhamos para as epistemologias, os conhecimentos que circulam na sociedade brasileira, quais delas têm por base o pensamento negro brasileiro? Quais partem das filosofias afro-diaspóricas das mulheres que contribuíram com as nossas formulações teóricas? Essas são perguntas que me atravessaram no construto da organização de relevantes verbetes presentes na obra de uma das principais figuras públicas vivas que temos dentro do campo filosófico brasileiro, Sueli Carneiro, conhecida por sua caminhada no movimento negro desde a década de 80. Como uma visível contribuição, temos o portal Geledés, que desde 1988, funciona como referência no quesito de pensarmos estratégias de sobrevivência das opressões à raça e ao gênero e importante ponte que nos mostra caminhos de como combater o racismo e sexismo que tanto atravessam a vida das mulheres negras. Esse reconhecimento da figura pública chega a ser dado como óbvio para quem

conhece e se reconhece na vida de Sueli Carneiro. Mas não devemos esquecer de que o Brasil é o país em que o racismo faz parte do nosso cotidiano. Como prova, basta abrir qualquer rede social e se deparar com o mais escandaloso caso, nem mesmo quem tem dinheiro consegue se livrar desse crime perfeito (Kabengele, 2009). Não esquecidas disso, é fácil entender o sequestro teórico que as academias fazem no quesito do pensamento negro, indígena e qualquer outro ser que foi subalternizado dentro da sociedade brasileira, logo, a forma oficial que sistematizamos as epistemologias construídas, ao longo da nossa formação, tem por base a denegação da maneira de pensar, por exemplo, das mulheres negras. Assim, é com o objetivo de irmos de encontro a esse apagamento que surge a ideia desse dicionário de bolso que tem como objetivo referenciar seu legado, não apenas para a "bolha", mas que sirva como forma de divulgação para todas, todos e todes que queiram confrontar a visão arraigada no branqueamento cultural com outras formas de ver a sociedade brasileira, como propõe Sueli Carneiro ao longo de sua vida fincada na disputa ativista, teórica, crítica e filosófica.



Gilvaneide Santos

**MINIDICIONÁRIO
TEÓRICO
NEGRO BRASILEIRO
DO PENSAMENTO
DE SUELI CARNEIRO**



Gilvaneide Santos

**MINIDICIONÁRIO
TEÓRICO
NEGRO BRASILEIRO
DO PENSAMENTO
DE SUELI CARNEIRO**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Gilvaneide

Minidicionário teórico negro brasileiro do
pensamento de Sueli Carneiro [livro eletrônico] /
Gilvaneide Santos. -- São Paulo :
Casa Sueli Carneiro, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-986418-0-1

1. Carneiro, Sueli, 1950- 2. Dicionários 3. Negros
brasileiros 4. Pensamentos 5. Racismo I. Título.

25-256135

CDD-301.03

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia : Dicionários 301.03

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © Gilvaneide Santos, 2024
Direitos de publicação © Casa Sueli
Carneiro, 2024.

Direitos reservados e protegidos pela lei
9.610/98
Todos os direitos desta edição reservados à
Casa Sueli Carneiro.

Coordenação Editorial Gilvaneide Santos
Projeto Gilvaneide Santos
Revisão Gilvaneide Santos
Alice Guedes
Diagramação Alice Guedes
Ilustrações Alice Guedes

Texto de acordo com as normas do Novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)



[2024]

<https://casasuelicarneiro.org.br>

casasuelicarneiro@casasuelicarneiro.org.br

Às Mulheres Negras Resistem/CE,
formação de extensão da UNILAB,
coordenada pela Professora Vera
Rodrigues, onde fui aluna, Professora
Formadora e que, hoje, me acolhe
como Assessora Pedagógica.

11 APRESENTAÇÃO

17 SUELI CARNEIRO

20 VERBETES

21 RACISMO

24 SEXISMO

25 FEMINISMO ENEGRECIDO

26 DISPOSITIVO

27 DISPOSITIVO DE RACIALIDADE

29 EU HEGEMÔNICO

30 EUGENIA

32 BRANQUITUDE

34 BRANQUEAMENTO

35 MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

37 CONTRATO RACIAL

39 BIOPODER

41 EPISTEMICÍDIO

43 AFROFUTURISMO

45 ESCREVIVÊNCIAS

47 ESCREVIVENDO COM SUELI

CARNEIRO: CADERNO DE LEITURA

79 REFERÊNCIAS SOBRE SUELI CARNEIRO

86 REFERÊNCIAS GERAIS

90 AGRADECIMENTOS

94 SOBRE A AUTORA

Apresentação

Este minidicionário tem por objetivo apresentar um recorte teórico das principais categorias que a filósofa Sueli Carneiro trabalhou em sua tese *Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*, defendida na Faculdade de Educação da USP, em 2005, e que veio a se tornar livro em 2023. Tal proposta surgiu ao notar-se que, muitas vezes, as estratégias discursivas formuladas pelas ativistas do pensamento negro brasileiro são completamente ignoradas na disputa teórica que há, tanto na academia, que continua branca, com docentes de pensamento eurocentrado, mas também nos confrontos verbais do cotidiano, como os que ocorrem no mundo virtual e que tanto influenciam a vida real. A partir desse fato, surge a ideia deste dicionário de bolso afro-brasileiro-teórico com os seguintes verbetes: Racismo; Sexismo; Feminismo Enegrecido; Dis-

positivo; Dispositivo de Racialidade; Eu hegemônico; Branquitude; Branqueamento; Biopoder. Para chegar a tais palavras, fiz um recorte do material de apoio do curso “Dispositivo de Racialidade”, ofertado pela Casa Sueli Carneiro em parceria com o Sesc (2024), de forma gratuita e online, e que tem como instrutora a própria escritora Sueli Carneiro. Trabalhei também com os seguintes verbetes: Eugenia; Mito da Democracia Racial; Contrato Racial; Epistemicídio; Afrofuturismo e Escrevivências, pensados a partir da minha leitura sobre a tese da educadora Sueli Carneiro. Este produto é fruto do Programa de Residências da Casa Sueli Carneiro, voltado para pessoas negras e dividido nas áreas de Artes, Documentação, História Negra e Feminismos Negros. Eu participei na área de Documentação sob a mentoria de Ionara Lourenço, bibliotecária responsável pelo acervo de Sueli Carneiro,

durante o segundo semestre de 2024. Para se chegar a este recorte, utilizei como método uma pesquisa bibliográfica, partindo do acervo físico e *online*, do *site* e da Casa Sueli Carneiro, usando como suporte teórico, ainda, o *Breve Dicionário das Literaturas Africanas* (2022), com organização de Fernanda Gallo, e o *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas* (2023), organizado por Flávia Rios, Márcio André dos Santos e Alex Ratts. Este estudo vem contribuir com a sistematização do pensamento teórico a partir da perspectiva das mulheres negras, em específico, o legado de Sueli Carneiro. A ativista, em participação ao lado de sua filha, Luanda Carneiro Jacoel, no *Podcast Angu de grilo*, de Flávia Oliveira e Isabela Reis, nos revelou: “[...] temos que valorizar o nosso patrimônio de lutas, as nossas tecnologias sociais de educação popular para a disputa de corações e mentes,

acreditando no confronto, na disputa de valores, para construir utopias, através de uma convocação cívica.” (Carneiro, 2024). Portanto, é com a intenção de entrar nessa confrontação de ideias que entrego este minidicionário, pois acreditamos que ele servirá para borrar a imagem do passado que a branquitude construiu para os povos que foram subalternizados na sociedade brasileira, como os afro-brasileiros. Por fim, recorro à Conceição Evaristo (2020) que, ao cunhar o conceito de Escrevivência: “[...] um jogo que eu fazia entre a palavra ‘escrever’ e ‘viver’, ‘se ver’ [...]” nos demonstra como rasurar a imagem do passado através da ficcionalização dos estereótipos referentes às mulheres negras brasileiras. “Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham

de contar suas histórias para a casa-grande.” E Sueli Carneiro vem nos ensinar a escrever teorizando: “FALAREI DO LUGAR DA ESCRAVA. Do lugar dos excluídos da res(pública). Daqueles que na condição de não cidadãos estavam destituídos do direito à educação.” (Carneiro, 2023, p. 9). E nos abre o caminho de retomada da palavra para escrevermos outros regimes de historicidade, àquele que borre, por exemplo, os epistemicídios reservado aos intelectuais negras, negros e negres do Brasil partindo de sua vasta obra.

São Paulo, 2024.

Gilvaneide Santos.

Doutoranda em Teoria e História Literária pela

UNICAMP e

Participante do Programa de Residência da Casa

Sueli Carneiro.



Sueli Carneiro



Fotografia do *Site Casa Sueli Carneiro* na aba “Linha do tempo ‘21 set. 2022 Recebe título de Doutora¹ Honoris Causa pela UnB”

“Este é relato da trajetória de Sueli Carneiro [...]. Feminista e intelectual, fundadora do *Geledés - Instituto da Mulher Negra*, Sueli é uma das personalidades políticas mais instigantes da atualidade. Entender sua história de vida, suas influências e as mudanças concretas geradas por sua militân-

¹Fonte:

https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc_004708.



cia é compreender parte do cenário espacial, político e geográfico do movimento social negro contemporâneo.” (Borges, 2009). *Sueli Carneiro*, de Rosane da Silva Borges, da “Coleção Retratos do Brasil Negro”.

“Sueli Carneiro enegreceu o feminismo no Brasil. E também fez das mulheres as protagonistas do movimento negro. Não sozinha, é evidente. As estratégias coletivas de luta marcaram – e ainda marcam – sua reconhecida atuação política. Ela desagregou dados de raça, classe e gênero, ainda na década de 1980, para mostrar o sofisma da ideia de uma mulher universal e abrir possibilidades para a estruturação de políticas públicas específicas. Também apontou caminhos para que o sujeito político mulher negra se organizasse de forma autônoma, apoiado na memória ancestral africana e afro-brasileira.” (Santana, 2021, p. 262). *Continuo Preta: a vida de Sueli Carneiro*, de Bianca Santana.



Verplichtes

RACISMO

“O racismo, enquanto pseudociência, busca legitimar a produção de privilégios simbólicos e materiais para a supremacia branca que o engendrou.” (Carneiro, 2023, p. 21). Envolve um grau de hierarquia em que há privilégios do campo político ao simbólico quando elegemos um grupo como hegemônico racialmente.

- **PRECONCEITO RACIAL**

Opinião concebida previamente, com critérios nos estereótipos, em relação a um grupo racial.

- **DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

É uma ação que materializa o racismo ou o preconceito racial gerado por uma pessoa ou por um coletivo.

“[...] é o ato de distinguir, excluir, restringir ou dar preferência, cujo propósito ou efeito seja anular ou restringir a determinados grupos racializados o reconhecimento [...] em condições de igualdade, de um ou mais direitos.” (Machado, 2023, p. 122 apud Rios; dos Santos; Ratts, 2023).

- **CRIME DE RACISMO**

Ocorre quando se tem a intenção de atribuir condição de inferior a um grupo étnico-racial, por mais que o crime se dirija apenas a uma pessoa.

- **INJÚRIA RACIAL**

Se dá quando os elementos de origem, raça, religião, cor ou etnia de uma pessoa são ofendidos.

• COMO DENUNCIAR?

1. Conseguir testemunhas do fato, anotando o endereço e telefone;
2. Registrar um boletim de ocorrência na delegacia mais próxima do lugar em que se deu o crime.

Em nível nacional, ligar para o Disque 100, número do Ministério dos Direitos Humanos.

Em nível estadual, São Paulo tem esses canais de denúncia:

“Procure o sos-racismo | Disque denúncia:
0800 77 25 377

Atendimento de segunda a sexta-feira, das 09:00 às 19:00 horas, Av. Pedro Álvares Cabral, 201 - monumental - sala t.15 - Ibirapuera.

Denuncie aqui: sosracismo@al.sp.gov.br²

²Fonte: <https://www.al.sp.gov.br/sos-racismo/conteudo/>.

SEXISMO

Tratamento preconceituoso por causa do gênero ou sexo.

Para Carneiro (2023, p. 66), as mulheres negras perpassam por uma justaposição, e/ou articulação do sexismo e do racismo na sociedade brasileira. Esse fato foi descrito pela antropóloga Lélia Gonzalez:

“O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a *neurose cultural brasileira*. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (Gonzalez, 2020, p. 76, grifos da autora).

FEMINISMO ENEGRECIDO

Para Santana (2021), o ativismo de Sueli Carneiro contribui para enegrecer o feminismo no Brasil e colocar as mulheres negras como pessoas de direitos e protagonistas à promoção da igualdade de gênero e raça. Como exemplo dessa luta, temos o *Geledés*³ - *Instituto da Mulher Negra*, fundado em 30 de abril de 1988, por Sueli Carneiro, Solimar Carneiro, Ana Lucia Xavier Teixeira, Edna Roland, Nilza Iraci e Maria Lucia da Silva, seguindo firme até hoje como ponto de referência na elaboração de estratégias de enfrentamento ao racismo e sexismo na sociedade brasileira.

³ Faz referência ao culto Geledè que “[...] celebra a sabedoria das mães anciãs e mulheres entre os iorubas.” (Borges, 2009, p. 77).

DISPOSITIVO, DE MICHEL FOUCAULT

O filósofo francês caracteriza o dispositivo dessa forma:

“Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.” (Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade*, 2002, p. 215 apud Carneiro, 2023, p. 27).

DISPOSITIVO DE RACIALIDADE

Este conceito nasce em 1984, quando Sueli Carneiro fez um curso com o Professor J.A. Guilhaon de Albuquerque, na USP, sobre Michel Foucault, em que foi trabalhado o termo dispositivo e, no final, entregou um fluxograma, que está no livro⁴ da educadora e nos apresenta uma aplicação do pensamento do filósofo francês nas questões raciais brasileiras, ou seja, a filósofa paulistana amplia o termo Foucaultiano para sistematizar o conjunto de componentes que são acionados para a ação do racismo à brasileira, que são visíveis e estão presentes nas organizações arquitetônicas (cita Casa

⁴ CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Grande & Senzala), nos discursos propagados pelas instituições, nos enunciados científicos do século XIX sobre o negro, o “outro ser”, nas proposições filosóficas (a exemplo, Hegel e Kant), nas filantropias etc. Para a autora, esses elementos formam o sistema de racialidade com este objetivo: “Pode-se dizer que o dispositivo de racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras. Ou, dito de outro modo, a superioridade do Eu hegemônico, branco, é conquistada pela contraposição com o Outro, negro.” (Carneiro, 2023, p.13).

EU HEGEMÔNICO

Para Carneiro (2024), na aula 1⁵, do curso “Dispositivo de Racialidade”, ofertado pela Casa Sueli Carneiro em parceria com o Sesc, o “Eu hegemônico” é o homem, branco, patriarcal, ocidental e europeu. Resistimos: “É o olhar do Eu hegemônico instituindo o Não ser. Um olhar educador, que carrega e explicita a verdade sobre o Outro, o nada que o constitui. E que a nossa resistência permanente desmente.” (Carneiro, 2023, p. 361).

⁵ Todas as aulas que farei menção, no Minidicionário, são deste curso.

EUGENIA

“O termo ‘eugenia’ foi criado por um certo Francis Galton, na década de 1880. O eu vem do grego, e significa ‘bom’. Genia quer dizer ‘linhagem’.”⁶ Assim, com um aspecto científico, essa ideia veio à tona, em 1883, na Inglaterra. O pensamento eugênico pregava que deveríamos usar os elementos genéticos a favor de uma mudança da população que deveria fazer combinações entre si, a fim de que características indesejadas sumissem e só restassem o que a genética classificasse como boas, ou seja, era uma teoria de fundamentação biológica que serviu de base para as teorias sociais e a usaram como argumentos para defender a purificação étnico-racial do século XIX, tanto quanto ao

⁶ “Racismo disfarçado de ciência: como foi a eugenia no Brasil.” Portal Geledés, 2020.

racismo, nazismo e fascismo ainda tão presentes em nosso cotidiano. Em “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, Conceição Evaristo explica como a Literatura foi usada em diálogo com a teoria eugênica e sua perspectiva de embranquecer o povo brasileiro:

“Duas obras paradigmáticas ilustram esse desejo de eugenia, que se traduz no sonho de embranquecer a sociedade brasileira. Uma é o famoso romance abolicionista, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. O autor, incapaz de compor uma heroína que pudesse ser negra, desenha a protagonista como uma escrava mulata, quase branca, educada pela sinhá, que lhe transmite todos os valores de uma educação europeia. Na narrativa a senhora elogia a tez clara da escrava e felicita a moça por ter tão pouco “sangue africano”.” (EVARISTO, 2009, p. 23).

BRANQUITUDE

O livro *O pacto da branquitude*, de Cida Bento, é leitura essencial para entendermos esse conceito: “No mesmo período, começou-se a produzir estudos em que a branquitude surgia como um lugar de privilégio, de poder, construído historicamente.” (Bento, 2022, p. 58). Assim, ao formular a tese de que há pactos de cumplicidade (pactos narcísicos) ao se pensar na divisão de poder em que só o ser de identidade branca ganha, a pesquisadora nos leva a refletir sobre a branquitude, o lugar privilegiado que o branco tem nas relações desiguais raciais brasileiras. Sueli Carneiro exemplifica: “Como contraponto, a branquitude se configura como signo que se consubstancia na maior expectativa de vida, nos menores índices de

mortalidade e morbidade como consequência de seu acesso privilegiado aos bens socialmente construídos.” (Carneiro, 2023, p. 12).

BRANQUEAMENTO

O processo de construção do lugar racial e social do branco. Na sociedade brasileira, Bento (2002) aponta que a elite fez uso de várias estratégias para imergir o “outro”, o não branco, dentro da cultura do tido como o universal, o europeu, o branco. Para Sueli Carneiro, isso se deu da seguinte forma: “O ideal de branqueamento não está abandonado; é imposto ao imaginário social pela cultura dominante através da exibição permanente de seus símbolos, que expressam os seus sucessos materiais e simbólicos como demonstração de superioridade ‘natural’, cotejados sistematicamente com os símbolos de estigmatização da negritude — seu contraponto necessário.” (Carneiro, 2023, p. 54).

MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Quando temos como intenção fazer alguma leitura a esse respeito, automaticamente, vem a nossa mente o livro *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Além desse trabalho, o antropólogo propagou, mundialmente, que o Brasil era um país em que se vivia sem discriminação racial através da teoria “luso-tropicalismo”, presente em *O mundo que o português criou*. Para Abdias do Nascimento, aquele que Sueli Carneiro revelou, na aula 1, que a ensinou a pensar negro, o mito se caracteriza assim:

“O mito da ‘democracia racial’, que teve em Gilberto Freyre seu formulador mais sofisticado, constitui, com efeito, o principal sustentáculo teórico da supremacia eurocêntrica neste País. Interpretando fatos históricos de maneira conveniente aos seus

propósitos, deturpando aqui, inventando acolá, sofismando sempre, os apóstolos da ‘democracia racial’ conseguiram construir um sólido e atraente edifício ideológico que até hoje engana não somente parte dos dominados, mas também os dominadores. Estes, sob o martelar do slogan, por vezes acreditaram sinceramente na inexistência de racismo no Brasil. Podiam, assim, oprimir sem remorso ou sentimento de culpa. Esse mesmo mito, com denominações variadas, como ‘raza cósmica’ ou ‘café con leche’, também contamina as relações de raça na maioria dos países da chamada América Latina, resultando, invariavelmente, na hegemonia dos brancos – ou daqueles que assim se consideram e são considerados – sobre os negros e os índios.”⁷

⁷ Fonte: <https://www.geledes.org.br/abdias-nascimento-13-de-maio-uma-mentira-civica-2/>.

CONTRATO RACIAL, DE CHARLES MILLS

Charles Mills é um dos autores que serve como base teórica, através de seu livro *O contrato racial*, para que Sueli Carneiro elaborasse o conceito de dispositivo de racialidade. Nas palavras do filósofo: “[...] o objetivo geral do contrato é sempre criar um privilégio diferencial dos brancos como grupo em relação aos não brancos como grupo, a exploração de seus corpos, terras e recursos e a negação de oportunidades socioeconômicas iguais para eles.” (Mills, 2023, p. 44).

Na aula 2, Sueli Carneiro conecta o contrato racial de Mills com a genealogia da supremacia branca ocidental que, no contexto brasileiro, usa como estratégia esconder seu privilégio racial, ou seja, se des-

racializa, porque é tida como universal e institui uma opressão racial nessas sociedades multirraciais. Por fim, conecta Mills e Foucault para estruturar sua tese: “A teoria do contrato racial elaborada pelo filósofo afro-americano Charles Mills estabelece as condições para o estabelecimento de um diálogo entre a perspectiva genealógica de Foucault e a construção da racialidade como dispositivo de poder. [...] A meu ver, o contrato racial é o que estrutura o dispositivo de racialidade.” (Carneiro, 2023, p. 33).

BIOPODER

Para a biógrafa Bianca Santana, a filósofa Sueli Carneiro elabora a sua tese que vem propor o dispositivo de racialidade, a partir do termo dispositivo e do conceito de biopoder, de Michel Foucault: “Queria descrever o mecanismo complexo do racismo, que faz um caminho para matar, outro para subjugar e assim organiza todo o saber, poder, a produção de sujeitos hegemônicos e subalternos.” (Santana, 2023, 234-235).

Sueli Carneiro parte da *História da sexualidade I: A vontade de saber*, de Foucault, para relacionar o conceito de biopoder com as questões raciais no contexto brasileiro, pois, para a filósofa, ele serve para estabelecer parâmetros para visualizar como a branquitude instaura o vitalismo e institui

meios de extermínio e genocídio para o não ser, o outro, o negro e outros seres subalternizados: “Empregando a máxima do 'deixar viver e deixar morrer' como expressão do biopoder, Foucault identifica o racismo como legitimador do direito de matar, que será exercido pelo Estado por ação ou omissão, de forma direta ou indireta.” (Carneiro, 2023, p. 66).

EPISTEMICÍDIO

Esta categoria é pensada por Sueli Carneiro para sistematizar uma das características do dispositivo de racialidade, quando ele se dá no campo dos saberes produzidos pelos afro-brasileiros: “Dentre os seus elementos constitutivos destaco o epistemicídio, conceito que empresto de Boaventura de Sousa Santos para evidenciar o papel da educação na reprodução e permanência de poderes, saberes e subjetividades que o próprio dispositivo produz. Através do epistemicídio — que é uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão — as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente.” (Carneiro, 2023, p. 13-14).



No curso “Dispositivo de Racialidade”, Sueli Carneiro nos revela que abandonou a pós-graduação, em 1983/84, pela dificuldade de se trabalhar as questões raciais nas academias, pois o negro só tinha *status*, na pesquisa, quando ele era sujeito investigado por pessoas brancas. Lidava ainda com ausência de bibliografia sobre a temática racial e com estratégias que a branquitude usa para sinalizar que está incomodada com a nossa presença, como se o espaço da universidade também não fosse nosso. Para mexer com as estruturas de poder, a nossa griot voltou para pós-graduação, em 1999, do mestrado foi direto para o doutorado e defendeu sua tese, este livro de estudo, em 2005, na pós-graduação da Faculdade de Educação da USP.

AFROFUTURISMO

No dia 22 de novembro de 2019, eu ouvi o “Afrofuturismo”, episódio do *Podcast Mamilos*, e fiquei muito encantada com o mundo narrado por Nataly Neri e Ale Santos, alguns dos convidados, em que questionaram como as pessoas brancas são a centralidade dos enredos de ficção científica, um futuro em que tudo é possível de acontecer, basta fazer uso da mais recente tecnologia e passaram a conceituar o Afrofuturismo: “Afrofuturismo é uma forma de imaginar um futuro onde negros sobreviveram à violência policial, à falta de oportunidades de estudos, aos salários menores e ao racismo institucional como um todo. É um futuro em que negros existem, mas não como escravos ou ainda na luta pela sobrevivência, mas como criadores de sociedades marcadas pelo alto desenvol-

vimento tecnológico e pela cultura e estética africana. A Wakanda de *Pantera Negra* é um exemplo bem didático deste tipo de futuro, ao misturar alta tecnologia e conexão com a ancestralidade.”

Ao longo deste minidicionário, percebemos o quanto a nossa mais velha, Sueli Carneiro, também é tecnológica, afrofuturista, pois, já na aula 1 do curso “Dispositivo de Racialidade”, nos lembra que, no princípio foucaultiano: “se há poder, há resistência.” E nos abriu caminhos para chegarmos até aqui vivos e esperançando o futuro: “De espírito aberto, te convido a esse diálogo, confiante de que é possível conquistar corações e mentes, mesmo entre os que, como tu, rejeitam o som de vozes subalternas, para construir outros cenários e roteiros que representem a emancipação para todos.” (Carneiro, 2023, p. 12).

ESCREVIVÊNCIAS

A nossa outra mais velha, Conceição Evaristo, vem nos ensinar a construir a “Emancipação para todos” (Carneiro, 2023, p. 9), escrevivendo, ao elaborar o seu projeto literário como uma resposta de desconstrução dos estereótipos de personagens negras e disputar o regime de ficção literária brasileira ao entregar outros papéis, por exemplo, às mulheres negras que foram subalternizadas ao ter suas subjetividades, muitas e muitas vezes, restritas ao papel de servir.

Portanto, Evaristo nos convida ao “[...] ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado [...]” (Evaristo, 2020). Ao não aceitar esse regime de historicidade, essa



abolição incompleta (BUARQUE, 2003), criamos altivez de não sermos mais a narradora da Casa Grande, mas sim as protagonistas de nossos enredos em que aflorem as nossas resistências construídas por nossas griots, que vieram de longe e continuam sendo as nossas referências, o nosso porto mais que seguro, no grande mar da vida.



Escrevivendo

COM SUELI CARNEIRO:
CADERNO DE LEITURA

Caro(a) leitor(a), agora chegou a sua vez de redigir seus próprios verbetes da obra ***Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser***, de Sueli Carneiro.



Referencias sobre

Sueli Carneiro

BIOGRAFIAS

BORGES, Rosane da Silva. **Sueli Carneiro**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Retrato do Brasil Negro/ coordenada por Vera Lúcia Benedito).

SANTANA, Bianca. **Continuo preta**: a vida de Sueli Carneiro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ENSAIOS

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

_____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

ESCREVIVÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. "A Escrivivência e seus subtextos". In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). **Escrivivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____.

“A
escrevivência serve também para as pessoas
pensarem”. **Itaú Social**, 2020. Disponível em:
<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>.
Acesso em: 10 de set. 2022.

_____.

“Literatura
negra: uma poética de nossa afro-
brasilidade. In: **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 13,
n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

DE VASCONCELOS, Lidiane Lima; SANTOS,
Gilvaneide de Sousa. “O erótico como
resistência em ‘Luamanda’ e ‘Mais iluminada
que outras’”. **Caderno Seminal**, Rio de
Janeiro, n. 46, 2023. DOI:
10.12957/seminal.2023.78117. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/78117>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LUTAS

CARNEIRO, Sueli. “Independência ou morte”.
In: SANTOS, Hélio (Org.). **A resistência
negra ao projeto de exclusão racial**: Brasil
200 anos (1822-2022). São Paulo: Jandaíra,
2022.

LIVROS LANÇADOS PELA CASA EM PARCERIA:

CARNEIRO, Natália [Org.]. **Raízes e asas:** memória para autonomia negra. 1. ed. São Paulo, SP: Oralituras, fundação Rosa Luxemburgo, Casa Sueli Carneiro, 2023.

CARNEIRO, Natália; GAIA, Gabriela; SANTANA, Bianca [Org.]. **Insumo para ancoragem de memórias negras.** 1. ed. - São Paulo: Oralituras, Fundação Rosa Luxemburgo, Casa Sueli Carneiro, 2022.

PERFIL BIOGRÁFICO DE LÉLIA GONZALEZ

CARNEIRO, Sueli. **Lélia Gonzalez:** um retrato. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

PODCASTS

ANGU DE GRILO *Podcast*: Angu na FLUP com Luanda e Sueli Carneiro. Produção e apresentação: Flávia Oliveira e Isabela Reis, 15 de nov. de 2024. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1lb9As9haatoYMGHlMb5O2?si=VYKlEQ_VT22Aczd1eIKH3Q. Acesso em: 19 nov. 2024.

MANO A MANO *Podcast*. Sueli Carneiro. Apresentação: Semayat Oliveira e Mano Brown, 26 de maio de 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCPr?si=gngCxWPgRQuXkqANH2bVDw>. Acesso em: 28 mai. 2022.

REVISTA

CARNEIRO, Sueli. “Sobrevivente, testemunha e porta-voz”. [Entrevista concedida a Bianca Santana. **Revista Cult. Raça, estrutura, classe no Brasil**, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/>>. Acesso em: 01 de out. 2024.

SITES

Casa Sueli Carneiro, 2024. Disponível em: <https://casasuelicarneiro.org.br/sobre-a-casa/>. Acesso em: 30 de out. 2024.

Guia sobre racismos - Educando para Diversidade - Unesp. Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/guia-de-reconhecimento-orientacao-e-enfrentamento-aos-racismos/>. Acesso em: 02 de nov. de 2024.

Ocupação Sueli Carneiro, 2021. Disponível: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/sueli-carneiro/>. Acesso em: 30 de outubro de 2024.

Portal Geledés, 2024. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 01 out.2024.

Portal Literafro: o portal da literatura afro-brasileira, 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/quem-somos>. Acesso em: 04 nov. 2022.

Sesc digital, 2024. “Dispositivo de Racialidade: Sueli Carneiro”. Disponível em: <https://ead.sesc.digital/cursos>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOS Racismo, 2024. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/sos-racismo/conteudo/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TESE

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Referencias gerais

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 152

_____. "Branqueamento e branquitude no Brasil". In: **Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil** / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BUARQUE, Cristovam. "Abolição Incompleta". **Portal mec.gov.br**, Brasília, 07/05/2003.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/2003_7.17.10.53.30.pdf. Acesso em: 01/10/2024.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREYRE, Gilberto. "Aspectos da influência da mestiçagem sobre as relações sociais e de cultura entre portugueses e lusodescendentes". In: **O mundo que o português criou**. São Paulo: É Realizações, 2010. p. 25-43.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flávia Rios, Márcia Lima.** - 1ª ed. - Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

GALLO, Fernanda (org.). **Breve dicionário das literaturas africanas.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

MAMILOS Podcast: Afrofuturismo. Apresentação: Ju Wallauer e Cris Bartis, 22 de nov. de 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/21XPZ2rz6hRLqb6WbVNeq3>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MILLS, Charles W. **O contrato racial.** Edição comemorativa de 25 anos. Tradução: Teófilo Reis; Breno Santos. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

NASCIMENTO, Abdias. "Abdias Nascimento: 13 de maio uma mentira cívica". **Portal Geledes,** 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/abdias-nascimento-13-de-maio-uma-mentira-civica-2/>. Acesso em: 01 de nov. 2024.

RAMOS, Camila Souza; FARIA, Glauco. "Kabengele: Nosso racismo é um crime perfeito". **Portal Geledes**, 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwmOm3BhC8ARIsAOSbapVlBaujw55-R-jGNkHO9iva7H0J0srbXv3w_lyTgEOR7exEGm1aPZoaApbkEALw_wcB>. Acesso em: 23 de out. 2020.

RIOS, Flávia; DOS SANTOS, Márcio André; RATTS, Alex (Org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. 1. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2023.

SANTOS, Alê. "Racismo disfarçado de ciência: como foi a eugenia no Brasil." **Portal Geledes**, 2020. Disponível em:

https://www.geledes.org.br/racismo-disfarçado-de-ciencia-como-foi-a-eugenia-no-brasil/?gad_source=1&gclid=CjwKCAiAzvC9BhADEiwAEhtlNzS6HE8YF3XB2TH7pXwNiyhqopKcRk4AKWzsy7PvkG_3qkLpFEu3URoCGfYQAvD_BwE. Acesso em: 02 de out. 2024.



Agradecimentos



À CASA SUELI CARNEIRO

pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio a esta pesquisa, mas principalmente por ser lugar dos mais edificantes xirês, das rodas em que as mais velhas e os mais velhos discutiram as estratégias que foram usadas para manter a memória negra viva.

À MENTORIA

Ionara Lourenço, mentora desta pesquisa, obrigada por todo acompanhamento via WhatsApp, e-mails, reuniões online e todo o cuidado que ela tem ao nos apresentar cada detalhe do acervo da Casa Sueli Carneiro.



“Ionara Lourenço é bibliotecária formada em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), com experiência em classificação, catalogação e indexação de acervos bibliográficos, gestão de bases de dados e sistemas de gerenciamento de bibliotecas. [...] e hoje é bibliotecária responsável pelo acervo Sueli Carneiro.”⁸

⁸ Fonte: *Site da Casa Sueli Carneiro*, 2024. <https://casasuelicarneiro.org.br/sobre-a-casa/equipe/>. Acesso em: 30 de out. 2024.



À DESIGNER, ILUSTRADORA E REVISORA

Alice Guedes, multiartista e companheira de uma vida.

“Mulher negra, lésbica, nascida e criada nas terras e nas águas de Alagoas. Artista visual, registra seus trabalhos com artes digitais, colagens e pinturas em tinta acrílica e aquarela no *Instagram* @ali.naesquina. É estudante de Letras, batuqueira de maracatu, entusiasta de samba, coco de roda e banho de mar, constantemente movida pela ancestralidade.”⁹

⁹Fonte: Disponível em:

<https://www.instagram.com/ali.naesquina/>. Acesso em: 30 de out. 2024.



Sobre a autora



SOBRE A AUTORA



Antoniceilmo Carneiro

Gilvaneide Santos é professora de Língua Portuguesa, na educação básica, da Prefeitura de Fortaleza/ Ceará, estando afastada de suas funções para fazer o doutoramento. Doutoranda em Teoria e História Literária pelo IEL (UNICAMP); Mestra em Estudos Literários pela UFMG; Especialização em processos didático-pedagógico para cursos na modalidade a distância pela UNIVESP e Graduação com licenciatura em Letras Habilitação em Português e suas Literaturas pela UFC. Atua como assessora pedagógica no curso Mulheres Negras Resistem/UNILAB/CE e pesquisadora no Portal Literafro/UFMG.

“O **Minidicionário Teórico Negro Brasileiro do pensamento de Sueli Carneiro** é a materialização da mente brilhante que só uma professora comprometida poderia ter. Esta obra aborda verbetes utilizados ao longo do trabalho de militância de Sueli Carneiro e de outras mulheres tão importantes para o movimento negro brasileiro. Graças ao belíssimo trabalho de Gilvaneide Santos, ganhamos não apenas um registro teórico, mas uma ferramenta essencial para avançar na educação antirracista e na instrumentalização dos espaços de educação formal e informal para a implementação das Leis 10639/11645. Esta publicação é mais que um dicionário; é uma semente preciosa para colhermos uma sociedade mais justa e mais consciente. Que esta obra guie as novas gerações para um futuro mais verdejante.”

Ionara Lourenço

Coordenadora de Acervos da Casa Sueli Carneiro.

APOIO:



ISBN 978-65-986418-0-1



PATROCINADOR MASTER:



PATROCINADOR:



APOIADORES INSTITUCIONAIS:

Thousand
Currents

IBIRAPITANGA

FUNDAÇÃO
Lemann

if imaginable
futuras

TIDES
A Force for Social Good

Partners: Pessoas que
contribuíram em conjunto
com a Casa Sueli Carneiro

REALIZAÇÃO:



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA
CULTURA
BRASIL
UNIAO E RECONSTRUÇÃO